



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Lethícia Soares Salvador

AS DIVERSAS FACES DA PSICOPATIA: uma análise a partir das tecnologias da informação e
comunicação

Rio de Janeiro

2023

Lethícia Soares Salvador

AS DIVERSAS FACES DA PSICOPATIA: uma análise a partir das tecnologias da informação e
comunicação

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde
Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-
Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso
Técnico em Biotecnologia.

Orientadora: Marise de Leão Ramôa

Rio de Janeiro

2023

Lethícia Soares Salvador

AS DIVERSAS FACES DA PSICOPATIA: uma análise a partir das tecnologias da informação e comunicação

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia.

Aprovado em __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Marise de Leão Ramôa
EPSJV/FIOCRUZ

Dênis Roberto da Silva Petuco
EPSJV/FIOCRUZ

Wallace Lopes Silva
EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional e pelos anos de estudo técnico voltado à biotecnologia.

Agradeço à minha orientadora, Marise de Leão Ramôa, pelas ideias e pela construção do tema que foi desenvolvido devido a sua ajuda e apoio durante todo o tempo.

Agradeço aos meus amigos, que me apoiaram até o momento e me ajudaram a prosseguir tanto com o desenvolvimento do projeto, quanto dar continuidade ao ensino médio técnico na EPSJV, pelos momentos de descontração que me ajudaram nos episódios de ansiedade.

Agradeço aos meus familiares, especialmente a minha mãe, Carla Soares, que me apoiou sempre, ficando ao meu lado nos piores e melhores momentos durante o período de quatro anos, mesmo morando em São Paulo, fazendo o que estava ao seu alcance para que sempre a sentisse comigo, e vindo para o Rio de Janeiro quando possível me descontraindo meio a tanta pressão.

Épigrafe

*Dans cette douce
souffrance
Dont j'ai payé toutes les
offenses
Écoute comme mon
coeur est immense
Je suis une enfant du
monde
Je remue le ciel, le jour,
la nuit
Je danse avec le vent, la
pluie
Un peu d'amour, un
brin de miel
[...]
Et dans le bruit, je
cours et j'ai peur
Est-ce mon tour? Vient
la douleur
(Indila)*

RESUMO

O presente trabalho analisou o surgimento da categoria nosográfica pelo discurso médico até o modo como a psicopatia é retratada na atualidade, a partir das tecnologias da informação e comunicação (TIC) e identificou que o retrato que se apresenta é baseado em dados científicos e morais, que se interligam e constroem um discurso higienista¹. Analisamos as contribuições de diversos(as) autores(as) no que tange aos campos de saberes acerca da psicopatia, como nos campos da Medicina, da psicanálise e da mídia. A pesquisa se baseia em revisão de literatura, com acesso às bases de dados Lilacs, Scielo e Google acadêmico.

Palavras-chave: Psicopatia, Mídia, Medicina, Psicanálise

¹“A higiene mental foi utilizada como forma de controle social em nome do progresso e do desenvolvimento das sociedades latino-americanas modernas. Serviu para estigmatizar os desajustados sociais e para criar projetos e leis que os taxariam de improdutivos e antissociais”. (MARIANO RUPERTHUS. 2019.)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TIC's – Tecnologia de informação e comunicação

CID – Classificação internacional de doenças e problemas relacionados à saúde

DSM – Diagnostic And Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

TPAS – Transtorno de personalidade antissocial

PPAC – Transtorno de Personalidade Psicopática Antissocial Criminosa

PCL-R – Lista de Verificação de Psicopatia de Hare

PTVR – Perception Toolbox for Virtual Reality (Caixa de ferramentas de percepção para realidade virtual)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	Objetivo	geral
1.1		
1.2 Objetivos específicos		METODOLOGIA
1.3 O SER PSICOPATA: A PRODUÇÃO DE UMA SUBJETIVIDADE?		A
1.3.1		
1.3.2 Conceção moral da psicopatia	A concepção biomédica da psicopatia	
1.3.3 Conceção psicanalítica da delinquência e tendência antissocial		
1.3.4	Conceito de discurso para Foucault	
1.3.5	Relação entre discurso e psicopatia	
204 A RELAÇÃO ENTRE DISCURSO E IMAGINÁRIO SOCIAL		
224.1	As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)	
234.2	Análise da psicopatia nas TICs, a partir dos conceitos de discurso e imaginário social	
245		CONSIDERAÇÕES FINAIS
256 REFERÊNCIAS		27

1 INTRODUÇÃO

É possível observar que o tema envolvendo a categoria da psicopatia vem se tornando recorrente em mídias sociais, e por isso este projeto busca estudar o tema psicopatia, a fim de questionar os conhecimentos apresentados nas mídias sociais. É importante ressaltar que o conhecimento sobre tal tema ainda é algo de certa forma precário. É possível compreender tal categoria a partir da psiquiatria, da Justiça e da Psicanálise, porém, na atualidade, o tema vem sendo muito abordado nas TIC's (Tecnologias de informação e comunicação) em forma de séries, filmes, vídeos em Youtube entre outros, com exposições de muitas opiniões que se apresentam como verdades científicas, ou seja, trazendo informações que levam ao medo e que promovem a ideia de rechaçar o sujeito tido como psicopata ou associando diretamente o crime à psicopatia, entendida como o mal em si mesma. Há, por exemplo, o mercado produzido em torno do tema da psicopatia, como é o caso de Ted Bundy, que foi um assassino em série, que foi abordado na mídia, rendendo até um livro sobre o caso, e com isso, todos os casos trazidos sobre o tal tema, por parte da mídia, são associados à criminalidade, monstruosidade entre outros termos voltados a ideia do mal intrínseco ao sujeito.

Não podemos deixar de lembrar que o conceito de psicopatia vem mudando ao longo da História, com sentidos diferentes; ou seja, há uma produção discursiva acerca da psicopatia. O primeiro aparecimento se deu pelo médico Joseph Ludwig Koch (1891) que adotou o termo "Inferioridade psicopática" introduzido no fim do século XIX. Contudo, ele era usado para abranger quem possuía comportamentos não convencionais diante da sociedade, diferentemente do sentido que conhecemos hoje, que foi trazido por Emil Kraepelin (1904) e modificado para "Personalidade Psicopática", restringindo o termo principalmente para psicopatas, que, descritos por ele, eram marcados pelo descontrole, impulsividade, frieza e manipulação.

Com tais análises, ao passar dos anos foi criado a CID (classificação internacional de doenças e problemas relacionados à saúde) em 1893 e o DSM (Diagnostic And Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) em 1953 para juntar tais informações com o intuito de ajudar profissionais da saúde a terem um material com classificações e estudos sobre cada eixo para a identificação das doenças. Em suas diferentes edições, especialmente do DSM, a psicopatia deixa de constar como categoria diagnóstica, sendo substituída pelo transtorno de personalidade antissocial, mas também há controvérsias que

consideram que ela não equivale ao TPAS (transtorno de personalidade antissocial). Com o intuito de auxiliar profissionais, a Medicina reproduz o discurso biomédico, que isola, classifica e assim, define doenças. Mas será que as doenças podem ser classificadas dessa forma? Atualmente, no DSM V (2013), a psicopatia se apresenta como “Transtorno de Personalidade Antissocial” (TPA).

Contudo, é possível ressaltar que a psicopatia não se restringe ao comportamento criminoso. A contribuição da psicanálise e de discursos que se baseiam na teoria sócio-histórica pode surgir, então, como uma nova leitura da psicopatia, uma vez que, a partir dela, a psicopatia deixa de ser um corpo meramente sintomatológico, como descrito nos transtornos de personalidade antissocial e, em grande parte, impregnado de forte julgamento moral (SANTOS, 2013). Analisamos a partir dos diversos discursos que abordam o tema psicopatia, o porquê de o mesmo estar sendo tão presente na atualidade, a partir do uso da tecnologia e se, na atualidade, há um *terreno fértil* para a eclosão de sofrimentos baseados no contexto sociocultural.

Objetivo geral

Analisar como o conceito de psicopatia vem sendo apresentado, a partir das TIC 's.

1.1 Objetivos específicos

1. Compreender a construção da categoria psicopatia ao longo da história;
2. Analisar como a Medicina abordou/construiu o sujeito psicopata;
3. Abordar as contribuições da medicina, da psicanálise e da mídia acerca do tema psicopatia.

2 METODOLOGIA

O projeto se baseou na abordagem qualitativa. Utilizou como estratégia de pesquisa a revisão narrativa de literatura por meio da busca em livros e mídias sociais.

A revisão narrativa de literatura busca descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado tema, mas não utiliza critérios sistemáticos de busca. Baseia-se na análise crítica da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas por parte da(o) autora(o). Para tal foram acessadas as bases de dados: Lilacs, Google acadêmico, Scielo.

Além disso, foi desenvolvida pesquisa documental, a partir do acesso à podcast, blogs e documentários. Foram desenvolvidos capítulos sobre o processo histórico da constituição da categoria psicopatia, sua relação com o mal e a propagação de tal compreensão por parte das tecnologias de informação e comunicação e a análise da concepção da psicopatia em sites, blogs, entre outros.

3 O SER PSICOPATA: A PRODUÇÃO DE UMA SUBJETIVIDADE?

3.1 A Concepção moral da psicopatia

A insensibilidade e a incapacidade de vivenciar sentimentos puros são características marcantes dos psicopatas? Segundo pesquisadores da área², esses indivíduos são capazes de externar emoções, mas que tais atos devem ser interpretados com cautela, pois seriam frutos de aprendizagem e simulação.

O psicopata não é capaz de acessar ou compreender sua própria essência. Por isso, qualquer demonstração de pena, arrependimento, amor ou outros sentimentos é uma mera atuação. Essa falta de sentimentos humanos puros leva os psicopatas a se tornarem cada vez mais egocêntricos, manipuladores e cruéis, segundo estudos de Monteiro, Renan (2014), abordando como o egocentrismo pode ser atrelado aos tais, que se preocupam majoritariamente em seus próprios interesses.

De acordo com Hare (1991), a psicopatia é um transtorno de personalidade antissocial caracterizado por falta de empatia, remorso, culpa e vergonha. Os psicopatas são indivíduos egocêntricos, manipuladores e cruéis, que se preocupam apenas com seus próprios interesses.

A partir de análises de Stone³ (2007), existe a afirmação de que os psicopatas são incapazes de vivenciar emoções puras, mas que eles poderiam imitar as emoções humanas, mas essas emoções não são genuínas. Logo, há uma separação entre a ideia de humano e não-humano. Para esses indivíduos, as emoções são apenas ferramentas que podem ser usadas para manipular os outros.

A falta de empatia dos psicopatas é uma das características mais marcantes desse transtorno. Os psicopatas são incapazes de se colocar no lugar dos outros e de entender suas emoções. Isso os torna indivíduos extremamente perigosos, pois eles são capazes de causar grande sofrimento sem sentir qualquer remorso ou culpa.

²Hare, R. D. *Psychopathy: Theory and research*. New York: Wiley, 1991.

³Professor de psiquiatria clínica, autor de mais de dez livros sobre tal tema, um deles sendo “The Anatomy of Evil”, que foi utilizado no presente trabalho, além de seus artigos profissionais, que foram usados para trazer informações profissionais para o estudo)-Stone, M. H. (2007). *The anatomy of evil*. New York: Continuum International Publishing Group.

3.2 A concepção biomédica da psicopatia

O modelo biomédico foi desenvolvido durante o século XIX e associa doença à lesão e com isso reduz o processo saúde-doença à sua dimensão anátomo-fisiológica. Assim, nega as dimensões histórico-sociais. Com isso, suas principais estratégias de intervenção se dão no corpo doente. (MATTA e MOROSINI, 2009).

A concepção biomédica da psicopatia é uma abordagem que busca compreender essa condição de saúde mental com base em fatores biológicos, neurológicos e genéticos, enfatizando a pesquisa neurocientífica e genética como fundamentais para o seu entendimento.

A psicopatia foi considerada um distúrbio de personalidade caracterizado por traços como manipulação, falta de empatia e comportamento antissocial, uma história que remonta a vários séculos para tentar ser compreendida.

A concepção biomédica da psicopatia surge como uma tentativa de desvendar suas origens e mecanismos subjacentes por meio de uma abordagem predominantemente biológica.

Uma referência fundamental na abordagem biomédica da psicopatia é o trabalho do psicólogo britânico e neurocientista Adrian Raine (1993). A partir de seu estudo “The Psychopathology of Crime” apresenta evidências sociológicas, genéticas, neuroquímicas, com imagens cerebrais e psicofisiológicas, discutindo a base do comportamento criminoso, assim, explorando as bases neurológicas da psicopatia. Em seu estudo, Raine utiliza a neuroimagem para investigar diferenças estruturais no cérebro de indivíduos psicopatas. Seus resultados sugerem uma possível relação entre a psicopatia e anormalidades no córtex pré-frontal e na amígdala, regiões do cérebro associadas ao controle do comportamento e à regulação emocional. Porém, Raine aborda a relação entre sujeito e ambiente, no sentido da relação entre exposição à violência na infância e o desenvolvimento de comportamentos agressivos na vida adulta. Alega a partir de suas pesquisas que crianças expostas a ambientes violentos têm maior probabilidade de se tornarem agressivas e cometerem crimes no futuro, mas busca entender os mecanismos neurobiológicos envolvidos nesse processo.

Além disso, estudos genéticos também desempenham um papel crucial na concepção biomédica da psicopatia. Um estudo de Ferguson⁴e Beaver⁵ (2009), que examina a contribuição genética para a psicopatia. Eles analisam gêmeos idênticos e não idênticos, concluindo que a psicopatia possui uma base genética substancial, sugerindo que fatores genéticos desempenham um papel significativo na predisposição à psicopatia.

É importante ressaltar que a concepção biomédica da psicopatia apresenta muitas controvérsias. De um modo geral essa abordagem tende a reduzir a complexidade do fenômeno psicopático a fatores puramente biológicos, ignorando influências ambientais e sociais e quando aborda tais influências de um modo geral as apresenta como fatores de menor importância.

Embora o termo "psicopatia" tenha sido cunhado apenas no início do século XIX, a compreensão desse fenômeno começou a se desenvolver muito antes, a partir do trabalho pioneiro de Philippe Pinel⁶ e John Haslam⁷ no século XVIII e as teorias de Emil Kraepelin⁸e continuaram com H. Cleckley⁹no século XX. Foi apenas no início do século XX que Emil Kraepelin e Eugen Bleuler¹⁰ desenvolveram, a partir de alguns estudos como "The Mask of Sanity" (1941, Hervey M. Cleckley) termos como "psicopatia" e "esquizofrenia", contribuindo para a classificação de transtornos mentais.

O conceito psicopatia foi adotado a partir de 1900, no trabalho de H. Cleckley, apontado pela literatura como obra decisiva para a definição, mas foi substituído pelo termo "sociopatia" na década de 1930 para evitar confusão entre "psicopatia" e "psicose". Como os dois termos eram usados na época, havia uma certa confusão entre a definição que se era usada para cada um, "sociopata" fazia alusão a comportamentos antissociais produtos do meio ambiente, ou seja, em relação à sociedade, ao exterior, ideia vigente à época e que poderia ser importante para uma análise biopsicossocial. Em contraste "psicopatia" aludia a causas genéticas. Entretanto, com a introdução

⁴Psicólogo, professor e copresidente na Universidade de Stetson, Ferguson, C. J., &Beaver, K. M. (2009). Natural born killers: The genetic origins of extreme violence.

⁵Criminologista e professor de criminologia na Faculdade de Criminologia e Justiça Criminal da Florida State University, Ferguson, C. J., &Beaver, K. M. (2009). Natural born killers: The genetic origins of extreme violence.

⁶Médico pioneiro em separar pacientes dos criminosos e colocá-los sob cuidados médicos, banindo tratamentos antigos como, vômitos induzidos, ventosas etc. Um dos primeiros a libertar pacientes dos manicômios e das correntes.

⁷Médico, escritor e boticário, conhecido pelo seu trabalho sobre ilicitude mental.

⁸Médico, considerado o pai da psiquiatria moderna, principal impulsor da psiquiatria biológica.

⁹Psiquiatra, autor do livro "The Mask of Sanity", abrindo portas para o que conhecemos hoje as definições que traçam os perfis psicopatas.

¹⁰Médico psiquiatra, nomeado professor titular de Psiquiatria de Zurique.

do DSM-III, os termos “sociopatia” e “psicopatia” foram excluídos e “psicopata” foi adotado, o que revela o caráter biomédico. É justamente a partir do DSM III que a abordagem psicodinâmica, inclusive os termos de origem psicanalítica são eliminados. Durante os anos seguintes, o conceito evoluiu, mas as características centrais permaneceram. Em 1940, Hervey Cleckley delineou critérios de diagnóstico atribuindo 16 características como crueldade, frieza, superficialidade, ausência de empatia, impulsividade, nomadismo, entre outros 10. Contudo, tais características são difusas e James Fallon admite: “não existe diagnóstico psiquiátrico de “psicopatia” (Fallon, 2014, p. 09) e a afirmação é endossada pela maioria dos psiquiatras forenses. Segundo manuais de psiquiatria, “psicopatia” poderia ser entendida como um transtorno de personalidade antissocial (F60.2-CID10 e 301.7-DSM-5) piorado. Contudo, “psicopatia” e “transtorno de personalidade antissocial” não seriam a mesma entidade devido a diferenças de apresentação e da gravidade das ações. (DE SOUSA, C. E. B., & MATTOS, M. S. S. K., 2020)

A partir da pesquisa de James Fallon¹¹, ele identifica em sua própria neuroimagem, semelhanças com a de um psicopata (Transtorno de Personalidade Psicopática Antissocial Criminosa- PPAC). Mas, não teve características extremas do transtorno, o que traz uma controvérsia na época, por conta do termo psicopata ser atribuído a ações criminosas e extremas. A partir disso foi discutido que os traços psicopáticos não são em geral criminosos, e que, se descoberto cedo no indivíduo pode ser estudado e tratado para que não evolua para algo pior, e cometa crimes em seu futuro. Durante décadas, a psicopatia foi compreendida de maneiras diversas, frequentemente associada à perversão e à ideia de "personalidades psicopáticas". No entanto, foi a pesquisa pioneira de Hervey Cleckley na década de 1940, trazida anteriormente, que lançou as bases para a moderna compreensão da psicopatia como uma desordem de personalidade.

Com o intuito de auxiliar profissionais, a Medicina reproduz o discurso biomédico, que isola, classifica e assim, define doenças. Mas será que as doenças podem ser classificadas dessa forma? Atualmente, no DSM V (2013), a psicopatia se apresenta como “Transtorno de Personalidade Antissocial” (TPA). Na medicina, a pesquisa e a prática clínicas avançaram ao longo dos anos, ajudando a definir critérios diagnósticos mais precisos, como com a utilização da Lista de Verificação de Psicopatia de Hare (PCL-R). O estudo empírico da psicopatia está intimamente relacionado ao desenvolvimento de instrumentos para mensuração quantitativa do construto. O uso

¹¹Neurocientista, professor de psiquiatria e comportamento humano da University Of California, Autor do livro “The PsychopathInside”, a partir do estudo descobriu, por acaso, que tinha “cérebro de psicopata”.

de medidas ligadas a uma visão da psicopatia como uma constelação de características disruptivas de personalidade e comportamento antissocial estendeu a pesquisa a outras populações, além de criminosos ou pacientes psiquiátricos (Hare, 2006; Williams, Paulhus, & Hare, 2007). Assim, a psicopatia começou a ser estudada na população em geral, por exemplo, em grupos comunitários, estudantes universitários, etc. (Ullrich, Farrington e Coid, 2008; Filho, Nelson, 2009).

A psicopatia continua, na atualidade, sendo um tema presente em estudos no campo da psicologia e da psiquiatria, com uma abordagem multidisciplinar. Além disso, a psicopatia é amplamente discutida em contextos forenses e criminológicos, devido à ligação entre a psicopatia e o comportamento criminoso.

O presente capítulo abordou a trajetória da psicopatia ao longo da história.

Hoje em dia a psicopatia é considerada pelo discurso médico como um “Transtorno de Personalidade Antissocial” (TPA) caracterizado por uma série de características, incluindo:

- insensibilidade emocional: os psicopatas são incapazes de sentir empatia, compaixão ou remorso.
- falta de remorso: os psicopatas não se sentem culpados ou arrependidos por suas ações, mesmo que sejam prejudiciais a outras pessoas.
- egocentrismo: os psicopatas são obcecados por si mesmos e seus próprios objetivos.
- manipulação: os psicopatas são habilidosos em manipular outras pessoas para obter o que querem.

A partir da contribuição de Cornelius Castoriadis entendemos que a realidade sócio-histórica é fruto de embates entre o imaginário social instituído e o imaginário social instituinte. Segundo ele, o imaginário social é a capacidade criadora do coletivo anônimo de gerar uma “figura singular instituída para existir”(CASTORIADIS, 1987, p.92). O psicopata é essa figura instituída para existir.

Podemos dizer que a visão dada pela sociedade atual em relação à psicopatia é baseada em opiniões e superficialidade, sem capacidade criadora, ressaltada de um modo estereotipado, a partir de difamações vindas da mídia. Não é abordada a sua história, no sentido da produção de um discurso.

3.3 Concepção psicanalítica da delinquência e tendência antissocial

Abordamos aqui as contribuições de Donald Winnicott, médico e psicanalista inglês, para pensarmos sobre a agressividade e sobre o comportamento antissocial.

Na sua teoria do desenvolvimento ele nos diz que o bebê, no início de sua vida é completamente dependente do cuidador no sentido das necessidades físicas, corporais e emocionais e que a mãe ou qualquer outro que seja seu cuidador é seu primeiro ambiente acolhedor. Para garantir que essas necessidades sejam supridas, a mãe precisa desenvolver uma "preocupação materna primária" , vivenciando tudo o que o bebê vivencia em termos físicos, corporais e emocionais. É preciso desenvolver um ambiente de confiança e de sustentação de suas necessidades (*holding*) e do manejo dispensados ao bebê (*handling*), se constituindo como uma mãe-suficientemente boa, oferecendo continente para que o bebê se desenvolva, pois nesse primeiro momento o bebê se na fase de dependência absoluta.

Já na dependência relativa, a criança não é totalmente dependente da mãe e passa a distinguir entre um "eu" e um "não-eu", a partir da apresentação confiante do mundo pela mãe ao infante. Se tudo ocorrer bem nessas fases de desenvolvimento o bebê pode ir rumo à independência. É o momento da socialização.

Para Winnicott a agressividade é compreendida como parte da expressão primitiva do amor, ou seja, ela é indissociável do amor. Ele a considera inerente à natureza humana, desempenhando um papel fundamental no estabelecimento do contato do bebê com a realidade externa; tanto na distinção entre o eu e o não eu, bem como no reconhecimento do outro como distinto dele próprio. Para o autor, a agressividade está sujeita a várias vicissitudes: à proporção que o bebê cresce, ela será experimentada através de processos totalmente dependentes do tipo de ambiente em que o bebê vive. Os impulsos amorosos primitivos, ou "amor boca", possuem em sua essência a agressividade e a destrutividade (PAIVA et al., 2015, p.895).

Winnicott afirma que no amor, as formas de gestos e contatos garantem ao bebê a satisfação e o alívio da tensão instintiva. O bebê quando tomado por seu impulso excitado, irá desempenhar o "amor boca", que devora, consome e machuca.

Podemos compreender, a partir de Winnicott, que a agressividade cria o mundo e também a destrutividade e ele não entende as duas categorias como saúde ou doença.

Segundo Winnicott , a tendência antissocial pode ser encontrada em qualquer pessoa. Ela se expressa devido a vivência de privação na fase da dependência relativa, no sentido de uma falha ambiental em termos de uma descontinuidade dos cuidados à criança.

O comportamento antissocial pode se apresentar na forma de agressividade, roubo, enurese noturna, violência e é um pedido de socorro da criança e um sinal de esperança de que ela, criança, pode reviver a experiência boa que teve na fase da dependência absoluta e que foi perdida na dependência relativa. Isso pode se dar, por exemplo, por meio de separações abruptas da criança em relação à sua mãe.

A deprivação é considerada como a perda abrupta de algo que era sentido como bom e ela ocorre geralmente por volta dos quatro ou cinco anos de idade.

Winnicott (2005) em um texto intitulado "Privação e Delinquência" retrata a importância de um ambiente acolhedor ou um lar suficientemente bom na constituição do sujeito e afirma que a falha nesse ambiente leva à delinquência como comportamento das crianças e adolescentes.

Winnicott difere a criança delinquente de uma criança com tendência antissocial. Na delinquência haveria privação grave nos primeiros anos de vida e que a delinquência é uma “defesa social organizada e sobrecarregada de ganho secundário e reações sociais que tornam difícil para o investigador chegar até o seu núcleo” (Winnicott, 2006, p. 135), dificultando a criança poder entrar em contato com sua desilusão inicial .

A delinquência é a tendência antissocial que se consolidou com o tempo devido a não resposta do ambiente à criança. Poderíamos fazer relação da psicopatia com a delinquência?

3.4 Conceito de discurso para Foucault

Michel Foucault, um filósofo renomado e teórico social do século XX, desenvolveu uma abordagem única para o estudo do discurso. Em suas obras, especialmente em "A Arqueologia do Saber"(1969) e "A Ordem do Discurso"(1970), ele propôs uma análise crítica das práticas discursivas e do poder que permeia essas práticas. O discurso não é algo que se possa definir de um modo preciso, exato, mas a princípio pode-se dizer que seria a linguagem sendo utilizada por um sujeito, pessoa, ou uma coletividade.

O discurso aqui é entendido, a partir de Michel Foucault, como uma produção coletiva e histórica, anônima e que dá sentido ao que dizemos e fazemos e que define o lugar de sujeito quanto a esses sentidos possíveis dos enunciados linguísticos. O discurso é o que emerge ou se dá a ver, seja no material linguístico ou mesmo em materiais não-discursivos, como por exemplo uma dada arquitetura, como a dos hospitais psiquiátricos, asilos e conventos, que caracterizam o que

Foucault denominou de modelo do *panóptico*, em sua obra *Vigiar e Punir (1975/1998)*, que garante o controle. (PASSOS, 2019)

O conceito de "dispositivo de poder" de Michel Foucault é fundamental para compreender sua abordagem ao estudo do discurso. Foucault argumenta que o poder não é uma entidade monolítica, mas sim uma rede complexa de relações e práticas que permeiam a sociedade. Dentro desse contexto, o "discurso" se configura como uma ferramenta poderosa de controle e influência. O discurso não se limita apenas à linguagem escrita ou falada, mas abrange qualquer forma de comunicação que contribua para a construção e manutenção do conhecimento e da realidade.

Foucault destaca que os discursos não são meramente reflexos da realidade, mas agentes ativos na sua criação e moldagem. Eles são utilizados para estabelecer normas, hierarquias e identidades, e, ao fazer isso, exercem poder sobre indivíduos e grupos. Essa abordagem, muitas vezes denominada de "análise do discurso" foucaultiana, busca desvelar as estruturas de poder que subjazem aos discursos, revelando como eles constroem e mantêm sistemas de controle social.

É importante explorar como os discursos são empregados como mecanismos de poder em contextos específicos, analisando quem os utiliza, com que finalidades e com que consequências. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e das formas pelas quais as narrativas e representações são empregadas para influenciar a sociedade e as relações de poder que permeiam as estruturas sociais.

3.5 Relação entre discurso e psicopatia

Para Michel Foucault, o discurso é um fenômeno social que produz e é produzido por relações de poder; não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta de controle e dominação, podendo ser visto como um instrumento de poder, que segundo o livro *A ordem do discurso*, Foucault argumenta que “parte do discurso põe em jogo o poder e o desejo” (Foucault, Michel – *A ordem do discurso*, p.21), que produz e legitima, como por exemplo, a construção da psicopatia, produzindo e regulando o conhecimento.

A psicopatia é descrita pelo saber médico como um transtorno de personalidade caracterizado por comportamento antissocial, impulsivo e insensível, são frequentemente descritos como charmosos e sedutores, mas também são descritos como manipuladores e mentirosos. A relação entre o conceito de discurso de Foucault e a psicopatia pode ser compreendida a partir da

seguinte perspectiva: o discurso biomédico acerca da psicopatia é uma ferramenta de poder que permite aos médicos definir o que é normal e o que é patológico, além de fazer relação com o discurso jurídico, na construção da relação entre psicopatia e crime. O discurso é um fenômeno social que produz efeitos concretos sobre a realidade, produzindo nesse caso a relação entre psicopatia e o mal. Mesmo identificando a relação entre atos violentos e o contexto social, como nas pesquisas de Fallon, o discurso biomédico afirma a preponderância da influência genética, criando a subjetividade psicopata.

4 A RELAÇÃO ENTRE DISCURSO E IMAGINÁRIO SOCIAL

Podemos fazer uma relação entre o conceito de discurso para Foucault e o conceito de Imaginário social cunhado por Cornelius Castoriadis.

O imaginário social é um conjunto de ideias e crenças compartilhadas por um grupo social, como resultado da interação de uma pessoa e do ambiente social em que ela vive e fornece uma visão compartilhada da realidade, permitindo a comunicação e a interação uns com os outros. O imaginário social instituído se apresenta na mídia, quando a mesma apresenta sujeitos como o mal em si mesmos. É um modo de organizar o mundo social, mas da mesma forma que o discurso para Foucault se apresenta por via das relações de poder, existe o imaginário instituído, estabelecido por quem detém o poder, fornecendo classificações em relação por exemplo ao que a Medicina define como psicopatia e dá sentido à experiência humana como universal e não singular; forja identidades sociais, fornece modelos para nos identificarmos como um grupo social e para assumirmos um papel social, mas no sentido de uma serialidade, como indicado por Sartre (2002): é um tipo de relação na qual cada membro de um grupo social aparece como substituível por outro, ou seja, indiferenciado; seria uma forma supostamente de um coletivo, mas que recebe do exterior a sua unidade.

Foucault argumenta que o conceito de discurso e poder são intimamente relacionados, (Fischer, 2001); podemos relacionar juntamente com o imaginário social por conta do discurso ser um meio de produzir ou construir o imaginário social, e o imaginário social podendo ser usado para legitimar o discurso, podendo ser usado para criar imagens e representações que reforçam ou desafiam o imaginário social dominante, como por exemplo, a relação criada entre psicopata e crime. A isso chamamos de imaginário social instituído, segundo Castoriadis e o imaginário social instituinte é aquele que promove desalienação, gera autonomia.

Com isso, ele é usado para comunicar, representar e legitimar as ideias e crenças que são compartilhadas por um grupo social e o discurso é a forma de poder que produz e regula o conhecimento, a subjetividade e as relações sociais. O imaginário social, por sua vez, é um conjunto de representações, ideias e crenças que são formados a partir das interações entre os indivíduos e o meio social em que vivem, ou seja, o discurso pode reforçar ou desafiar o imaginário social.

Discurso e imaginário social são conceitos importantes para a compreensão da sociedade. Essa relação entre discurso e imaginário social é complexa e dinâmica podendo variar de acordo com o contexto histórico e social.

4.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)

As tecnologias de informação e comunicação (TIC's) têm um impacto significativo nas sociedades, e transformam a forma como nós aprendemos, comunicamos e nos divertimos. As TIC's (conjunto de tecnologias) permitem o processamento, transmissão e armazenamento de informações, incluindo, entre outros, celulares, computadores, internet e televisão.

As TIC's podem ser utilizadas no trabalho, permitindo um trabalho remoto, a partir de qualquer lugar do mundo; aprendizagem, que permite a aprendizagem a partir de cursos online, acesso a vídeos educativos e a realização de pesquisas; entretenimento, usado para assistir a séries, ouvir músicas, utilizar redes sociais, permitindo que as pessoas se divirtam de diversas formas.

As TIC's são uma ferramenta muito importante usada para melhorar a qualidade de vida das pessoas, sendo um grande potencial para promover a inclusão social, a educação, e a democratização do acesso à informação, mas ao mesmo tempo podem construir discursos que promovem concepções de mundo que alienam os sujeitos, como no caso do que vem sendo apresentado nas TICs como psicopatia.

As TICs podem ser usadas para promover a compreensão da psicopatia e para desenvolver novas formas de tratamento. Por exemplo, as TICs podem ser usadas para criar plataformas de apoio para pessoas com psicopatia e suas famílias. As TICs também podem ser usadas para incentivar e contribuir para novos métodos de diagnóstico e tratamento da psicopatia. Ou podem ser usadas para propagar a violência e a discriminação, como por exemplo para facilitar o acesso a armas e outras ferramentas que podem ser usadas para cometer crimes.

Existem Plataformas de apoio no que se refere à psicopatia, plataformas online que oferecem apoio a pessoas com tal diagnóstico, e além disso demonstram apoio e ajudam seus familiares. Essas plataformas fornecem informações sobre a psicopatia e recursos para lidar com o transtorno, ou seja, abordam a partir do discurso médico e oferecem oportunidades de conexão com outras pessoas que estão passando pela mesma experiência. Descrevem métodos de diagnóstico e tratamento: pesquisadores estão desenvolvendo novos métodos de diagnóstico e tratamento da

psicopatia usando as TICs. Por exemplo, um estudo recente usou inteligência artificial para identificar psicopatas com base em suas postagens nas redes sociais. Porém, é importante pensarmos que o método de classificar as pessoas segundo a Medicina pode criar rótulos, estigmas sociais. Por exemplo, as ferramentas de análise de linguagem natural podem ser usadas para identificar padrões de fala que seriam característicos dos psicopatas.

As TICs são uma ferramenta que pode ser usada para promover a compreensão e o tratamento da psicopatia, mas também podem ser usadas para facilitar o comportamento violento, com criação de grupos extremistas que recrutam novos membros e promovem suas ideologias violentas.

As TICs também podem ser usadas para cometer crimes, manipular outras pessoas ou espalhar desinformação. Por exemplo, pessoas diagnosticadas como psicopatas podem usar as redes sociais para se conectar com outras pessoas e planejar crimes ou enganar e manipular outras pessoas, causando-lhes danos emocionais ou financeiros.

4.2 Análise da psicopatia nas TICs, a partir dos conceitos de discurso e imaginário social

Introduzir o conceito foucaultiano de discurso no tema da psicopatia nas mídias sociais é uma abordagem valiosa para compreender como as representações e as narrativas em torno da psicopatia são utilizadas como dispositivos de poder.

Nos dias atuais, as mídias sociais desempenham um papel significativo na construção e disseminação do conhecimento sobre a psicopatia. No entanto, sob a perspectiva de Michel Foucault, citada anteriormente, é fundamental reconhecer que os discursos sobre a psicopatia não são meras descrições objetivas da condição, mas sim ferramentas de poder que moldam a percepção pública, as políticas de saúde mental e as identidades dos indivíduos. Foucault argumenta que o discurso não apenas reflete a realidade, mas a cria e a reforça, influenciando as normas sociais e as práticas institucionais.

Nesse contexto, a análise do discurso foucaultiana permite uma investigação crítica das representações da psicopatia nas mídias sociais. Isso implica examinar quem detém o poder de definir e controlar o discurso sobre a psicopatia e como essas representações são usadas para categorizar e estigmatizar indivíduos e quais as implicações sociais e políticas resultantes. Além disso, a noção de "dispositivo de poder" de Foucault pode ser aplicada para entender como os discursos sobre a psicopatia nas mídias sociais influenciam as práticas de diagnóstico, o tratamento

de pacientes e a percepção pública dessa condição; com isso trazendo o conceito de imaginário social de Cornelius Castoriadis, ele é definido como “a instituição de uma significação coletiva, a criação de um mundo comum” (Castoriadis, 1987, p.14), ele é portanto, aquilo nos permite viver juntos, compartilhando um mesmo universo de significados, valores e normas, além disso, ele o define como “a instituição da sociedade em si mesma, como um conjunto de instituições, regras, valores e significados que dão forma à vida social”(idem). Ele distingue dois tipos de imaginário: Imaginário Radical –Fonte da criatividade humana, o que nos permite imaginar novas oportunidades e criar novos mundos.

Imaginário Institucional –Torna as possibilidades de criar novos mundos concretos, dando-lhes forma e estrutura.

Uma das principais contribuições de Castoriadis para a teoria social é a crítica à visão tradicional da sociedade como um sistema determinado por forças externas, como a economia ou a ideologia, para ele, a sociedade é uma criação humana, e o imaginário social é o seu fundamento. O imaginário social não é uma fantasia ou um sonho. Ele é algo que molda a nossa realidade social.

Portanto, ao considerar o tema da psicopatia nas mídias sociais, a perspectiva foucaultiana do discurso oferece uma base teórica robusta para investigar as dinâmicas de poder envolvidas na construção e disseminação do conhecimento sobre essa condição, bem como os impactos sociais e individuais desses discursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou a psicopatia a partir das concepções foucaultiano de discurso e castoriadiana de imaginário social e abordou os saberes da Medicina e da Mídia como promotores da concepção de psicopatia como o mal em si, desconsiderando qualquer contexto sócio-histórico.

As TIC 's poderiam ser utilizadas para trazer as contradições entre psicopatia e crime, no sentido de desconstruir a ideia de um sujeito do mal. A agressividade é algo presente no humano e pode ser utilizada para movimentos criativos ou para submeter alguém ou grupos. Porém, o que identificamos nas TICs foi a apresentação hegemônica do discurso biomédico.

Identificamos também os riscos potenciais do uso das tics por parte de psicopatas, que utilizam a sua agressividade para amedrontar ou submeter pessoas, como a criação de grupos extremistas que usam as mídias para promover suas ideologias violentas e juntar e recrutar novos integrantes que concordam com seus ideais, além de propagar violência e discriminação. , as tic's também podem ser usadas para enganar e manipular pessoas a partir das redes sociais, causando danos emocionais e financeiros; um caso famoso de manipulação diante as mídias é o Ted Bundy, um assassino em série, que utilizava de seu charme para atrair suas vítimas; mesmo depois de preso, por ter seu caso televisionado, conseguiu atrair “fãs” e “admiradores” por conta de seu charme e manipulação mesmo sendo acusado por diversos assassinatos, e mesmo depois de preso seduziu diversas mulheres, e as estuprava antes de matá-las. Ele diz: “Nós, serial killers, somos seus filhos, somos seus maridos, estamos em toda parte. E haverá mais de suas crianças mortas amanhã.” Podemos pensar tal forma como o mal instituído no sujeito, gerando medo e terror ou podemos pensar que a frase aborda as relações sociais e que o mal pode ser produto dessas mesmas relações sociais que não são sustentadas a partir de investimento amoroso

As TICs podem promover espaços para o cuidado, como plataformas de psycare¹², sites que apresentam serviços de saúde mental e profissionais qualificados dispostos a oferecer assistência tanto de forma remota, quanto presencialmente; utilização da realidade virtual aberta para ajudar na base de dados sobre a psicopatia para promover, além de tudo, a ciência aberta, como por exemplo, PTVR (Perception Toolbox for Virtual Reality - Caixa de ferramentas de percepção para realidade virtual), banco de dados gratuito para criação de experimentos, ajudando pesquisadores de ciências comportamentais.

¹²Consultório de Psicoterapia e Psicanálise (psycare.com.br), LifeStance Health FormerlyPsycare (psycare.org), Psycare, Behavioral Healthcare & Counseling (psycare.com).

É importante destacar que essa associação entre crime e psicopatia pode ser desconstruída e com isso pode-se produzir um imaginário social instituinte, gerador de autonomia e não de heteronomia¹³, como nessa nova produção do discurso midiático.¹⁴

¹³ A autonomia para Castoriadis é a expressão da força criadora “ (...) é imanente tanto às coletividades humanas, como aos seres humanos singulares. A partir disso, é absolutamente natural chamar esta faculdade de formação, imaginário e imaginação”(Castoriadis, 2004, p.129). E conclui que há nas coletividades humanas uma potência de criação a qual chamou de “imaginário social instituinte”. Aponta para o fato de que apesar dessa potência de criação, as sociedades humanas são organizadas a partir da conservação e reprodução de suas leis, normas e de suas instituições. Daí serem em sua grande maioria heterônomas.

¹⁴ “[...] o discurso midiático influencia a informação e/ou o conhecimento que se tem a respeito de um fato, os padrões linguísticos, as ações sociais, as atitudes e as emoções. Nesse sentido, deixa de ser meramente instrumental para ser estrutural.” (Santos, Doidara, Medeiros, Ana. 2009. p. 2)

5 REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. (1962). **How To do things with words**. Oxford, UK: Oxford University Press.

Amossy, R., & Herschberg Pierrot, A. (2014). **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Contexto.

Associação Brasileira de Telecomunicações. (2023). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil**. São Paulo: Anatel.

Aspectos históricos da psicopatia. Jusbrasil.(2017).Disponível em: <[BATISTA DE SOUSA, C. E., & de Mattos, M. S. S. K. \(2021\). **Psicopatia: bases neurobiológicas e influências ambientais**. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*, 25\(1\), e20200065.](https://www.jusbrasil.com.br/artigos/aspectos-historicos-da-psicopatia/530180428#:~:text=Em%201909%20surge%20a%20sugest%C3%A3o,%2C%20(SILVA%2C%202012).>></p></div><div data-bbox=)

BERRIOS, G. E. (2012). **Melancolia e depressão durante o século XIX: Uma história conceitual**. *História da Psicopatologia*. Scielo.

BEAVER, K. M. (2023). **Página pessoal do professor Kevin M. Beaver**. Recuperado em 24 de novembro de 2023, de <<https://criminology.fsu.edu/faculty-and-staff/kevin-beaver>>

CASTORIADIS, C. (1987). **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CASTORIADIS, C. (2004). **A encruzilhada do labirinto VI- Figuras do Pensável- RJ; Civilização Brasileira**.

CHARAUDEAU, P. (2002). **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto.

CHRISTOPHER J. Ferguson, K. M. Beaver. (2009). **Natural born killers: The genetic origins of extreme violence**. *Aggression and Violent Behavior: Volume 14, Edição 5*, p. 286-294.

COC/Fiocruz. **“O louco é um trabalhador a menos”**: a higiene mental e o controle em nome do progresso. (2019). Disponível em: <<https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1684-o-louco-e-um-trabalhador-a-menos-a-higiene-mental-e-o-controle-em-nome-do-progresso.html>>

DUVIGNAUD, J. (1988). **O imaginário social**. São Paulo: Martins Fontes.

EQUIPE DA REVISTA A MENTE É MARAVILHOSA. (2023). Biografia de Eugen Bleuler. <<https://amenteemaravilhosa.com.br/biografia-de-eugen-bleuler/>>

EQUIPE DA REVISTA A MENTE É MARAVILHOSA. (2018). Emil Kraepelin: o pai da psiquiatria moderna, <<https://amenteemaravilhosa.com.br/emil-kraepelin-psiquiatria-moderna/>>.

EQUIPE DA REVISTA A MENTE É MARAVILHOSA. (2022). Hervey Cleckley: o pai da psicopatia. <<https://amenteemaravilhosa.com.br/hervey-cleckley-o-pai-da-psicopatia/>>

FREUD, S. (1996). **O mal-estar na civilização**. In: _____. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, p. 65-147. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 21).

GIMBO, Fernando Sepe. (2016). **DA ORDEM DO DISCURSO AO DISCURSO DA ORDEM: DA RELAÇÃO ENTRE SABER E PODER EM FOUCAULT**. Belo Horizonte, v. 7 – n.12, p. 132-154, Jan/Jun. 2016 – ISSN: 2177-6342. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n13p132/12566>>

HASLAM, John E. **Biografia de John E. Haslam**. (2016). <<https://biapsy.de/index.php/en/9-biographien-a-z/235-haslam-john-e>>

HENRIQUES, R. P. (2014). **Psicopatia enquanto conceito Discussão do problema a partir de uma perspectiva histórica e filosófica**. *Revista Psicologia*, 2(1), 14-19.

LifeStance Health, Formerly Psycare. (2021). Disponível em: <<https://www.psycare.org/>>

LÖWY, M. (2003). O imaginário social: ensaio sobre a cosmologia social. São Paulo: Editora 34.

MAINGUENEAU, D. (2008). Discurso e análise do discurso. São Paulo: Parábola.

MATTA, G. C., & MOROSINI, M. V. G. (2009). Atenção à saúde. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. EPSJV/FIOCRUZ.

OLIVEIRA, S. F. D. (2022). Psicopatia e sistema punitivo: O ordenamento jurídico brasileiro e a ausência de norma penal específica voltada ao psicopata. Revista de Criminologias e Políticas Criminais, 8(1), 69-89.

PASSOS, I. C. F. (2019). A Análise Foucaultiana do Discurso e sua Utilização em Pesquisa Etnográfica. Psicologia Clínica e Cultura • Psic.: Teor. e Pesq. 35 • 2019 • <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35425>. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Psycare – Behavioral Healthcare & Counseling. (2023). Disponível em: <<https://psycare.com/>>.

Psycare – Consultório de Psicologia e Psicanálise. (2021). Disponível em: <<https://www.psycare.com.br/>>.

PTVR, Perception Toolbox for Virtual Reality. (2021). Disponível em: <<https://ptvr.inria.fr/home/>>.

RAINE, A. (1993). The Psychopathology Of Crime: Criminal Behavior as a Clinical Disorder. Academic Press.

FERREIRA, Mauricio dos Santos, TRAVERSINI, Clarice Salete. (2013). A Análise Foucaultiana do Discurso como Ferramenta Metodológica de Pesquisa. Educação Real, v. 38, n. 1, p. 207-

226, jan./mar. 2013. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/edreal/a/DwpK4HtPqRSk3Rg3pDQCdwH/?format=pdf&lang=pt>>.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. (2001). **Foucault e a Análise do Discurso em Educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro/ 2001. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/?format=pdf&lang=pt>>.

PAIVA ET AL. Violência, delinquência e tendência antissocial. Sobre a experiência de um atendimento a crianças vítimas da violência em uma favela do Rio de Janeiro Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 891-915, 2015.

SANTOS, M. J. M. (2013). **Sob o véu da psicopatia. Dissertação de Mestrado. Departamento de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.**

SANTOS, R. S. C., & BRITO, M. H. C. (2020). **Categorização da psicopatia: a interferência da inconsistência classificatória na aplicabilidade jurídica. Revista de Direito, 12(2), 1-22.**

SILVA, G. F., & JÚNIOR, S. de S. M. (2014). **O discurso em Michel Foucault.**

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SÃO PAULO. **Quem foi Philippe Pinel? (2003).**
<<https://www.saude.sp.gov.br/caism-philippe-pine/institucional/quem-foi-philippe-pinel>>.

UEPG – Biblioteca ProfºFarisMichaele. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso. (1970).** Disponível em:
<https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1867820/mod_resource/content/1/FOUCAULT%2C%20Michel%20-%20A%20ordem%20do%20discurso.pdf>.

WINNICOTT, D.W. **Privação e Delinquência.** Martins Fontes, São Paulo, 2006.